

Título original: *The Lord I Left*

Copyright © 2020 por Scarlett Peckham
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia de Almeida

preparo de originais: Carolina Rodrigues

revisão: Camila Figueiredo e Luíza Côrtes

projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Aero Gallerie – aerogallerie.com

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

foto da autora: © Scarlett Peckham

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P381L

Peckham, Scarlett

O lorde que eu abandonei [recurso eletrônico] / Scarlett Peckham; tradução de Livia de Almeida. -
1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.

recurso digital (Segredos da Charlotte Street; 3)

Tradução de: The lord I left

Sequência de: O conde que eu arruinei

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-145-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia de. II. Título. III. Série.

21-70285

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

Sumário

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Capítulo trinta e quatro

Capítulo trinta e cinco

Capítulo trinta e seis

Capítulo trinta e sete

Capítulo trinta e oito

Capítulo trinta e nove

Capítulo quarenta

Notas históricas

Informações sobre a Arqueiro

UMA NOTA DA AUTORA SOBRE O CONTEÚDO,

PARA LEITORES SENSÍVEIS:

(Se você prefere ser pego de surpresa, pule esta parte.)



Este livro contém: cenas de sexo explícito, perversões e hierofilia (procure na internet); sentimentos de culpa e de vergonha relativos a sexo; prostituição (a prática e os debates sobre sua legalidade); mortalidade parental; famílias tóxicas; fé religiosa, inclusive o questionamento e o afastamento dela; alusões a questões com a imagem corporal e um bocado de linguagem chula.

*Para Sarah E. Younger,
cuja fé em mim – e nesta série –
é uma das melhores bênçãos
que recebi.*



Capítulo um

Mary-le-Bone, Londres
Janeiro de 1758

A manhã londrina recendia a fumaça e parecia um esboço feito com carvão. Uma água gelada e suja pingava de beirais sórdidos, despejando-se nos riachos lamacentos que faziam as vezes de ruas, salpicando as botas recém-engraxadas de Henry Evesham.

Era uma manhã terrível para partir em viagem. O que era apropriado, dado o destino de Henry.

– Ficarei aqui apenas um minuto – disse ele ao cavaleiro de Elena - Brearley, entregando-lhe as rédeas do cabriolé emprestado, por demais elegante.

Caminhou vigorosamente da estrebaria até a Charlotte Street, parando na solene porta da casa de número 23.

Ainda o impressionava como a casa da Sra. Brearley pouco aparentava sua reputação perversa. Na primeira vez que estivera ali, havia imaginado uma fortaleza com torreões e o cheiro acre de enxofre, tomada por gritos de dor. Algo bem distante daquela residência tranquila e imponente que mais parecia um clube privativo do que a sinistra casa de chicoteamento da sua imaginação.

Henry bateu com os nós dos dedos na porta, ficando tenso ao pensar quem poderia abrir. Suspirou aliviado pela pequena bênção de ver o lacaios alto e negro com uma peruca empoadada, em vez da pequenina mulher branca de olhos castanhos intensos.

Olhos de pomba, fora seu pensamento ao vê-la pela primeira vez. *Olhos de pomba*, pensara de novo enquanto ela o fitava com fúria ao vê-lo ir embora dali na semana anterior.

Não, infelizmente isso não era muito preciso. Se fosse sincero, e ele havia jurado ser rigorosamente sincero consigo mesmo, Alice (seria falso de sua parte fingir não se lembrar do nome dela) o olhara com fúria não porque ele *fora embora*, mas porque ele fugira em disparada escada acima e porta afora como se sua vida dependesse disso.

(Não. Sua vida, não. Sua alma.)

– Bom dia, Stoker – disse ele, animado, ao lacaio.

Pois a essa altura eles se conheciam, os moradores da Charlotte Street e o lorde-tenente Henry Evesham.

No entanto, o criado deu prosseguimento à cerimônia austera.

– Sua chave? – perguntou Stoker, estendendo a mão.

Henry revirou o sobretudo em busca do pedaço de ferro primorosamente trabalhado, no qual sua identidade fora gravada na extremidade com o símbolo de uma cruz presa em espinhos. Elena Brearley, a assustadora governanta chicoteadora, não se furtava a uma piada, como ele descobrira.

– Fique com ela – disse Henry. – Não devo voltar depois de hoje.

Se a declaração teve algum efeito sobre Stoker, o homem não demonstrou. Apenas deu um passo para o lado, permitindo a entrada de Henry.

– Sua visita não estava sendo aguardada – disse Stoker no seu habitual tom de voz baixo. – O estabelecimento está fechado hoje.

Henry sorriu animado, pois era por isso mesmo que escolhera aquele dia para ir até ali.

– Foi justamente por isso que achei que a Sra. Brearley pudesse estar livre para uma conversa rápida. Em particular.

Ele seguiu Stoker a alguma distância pelo corredor até as entranhas da casa, inalando o aroma de vinagre e madeira encerada. Não se parecia em nada com o cheiro da maioria dos bordéis, um odor rançoso de gim e sachês de alguma essência mascarando as fragrâncias mais vibrantes e humanas da luxúria. Nos últimos dois anos, ele havia visitado um bom

número de *bagnios* – desde os mais elegantes, com damas de maquiagem pesada e seminuas oferecendo entretenimento e bebida forte, aos mais humildes, que ofereciam pouco mais do que um catre sujo para o coito – para saber que aquele lugar era tão incomum quanto sua dona alegava.

A essa altura, ele já estava ciente das particularidades dela – dos códigos de disciplina e discricção que a Sra. Brearley acreditava tornarem aquele lugar mais seguro do que os outros do ramo. Era missão dela persuadi-lo de que adotar mais largamente as práticas da casa reduziria os perigos do comércio carnal para as prostitutas e para enjeitadas similares.

Evesham não sabia se estava convencido, mas reconhecia na Sra. - Brearley uma seriedade de propósito que combinava com o caráter dele.

Os dois eram evangelizadores.

Stoker conduziu-o escada acima até uma sala ampla. A luz do dia era bloqueada por cortinas de veludo e o fogo que ardia numa lareira do tamanho de um homem era a única iluminação do cômodo, que tinha uma abóbada dupla. Como sempre, parecia noite naquele salão, embora lá fora os sinos matinais tivessem acabado de soar as oito horas.

Elena Brearley se encontrava imóvel e atenta, fazendo anotações em sua escrivania. Fez uma pausa e ergueu os olhos para cumprimentá-lo.

– Henry.

– Lorde-tenente – corrigiu ele, com uma piscadela.

Era um gracejo entre os dois, a insistência dele num título que sabia que Elena Brearley jamais pronunciaria. O estabelecimento dela seguia uma hierarquia diferente da que existia lá fora. O único título respeitado ali era o da Sra. Brearley.

Uma ponta de humor irônico insinuou-se nos cantos dos lábios dela.

– Não esperava vê-lo por aqui outra vez.

Ela o encarou, num escrutínio amplo e indulgente, como se conhecesse os pormenores de sua alma – cada virtude, pecado e limitação.

Ele fez a única coisa que poderia fazer diante daquele olhar: fingir que não tinha reparado, fingir que não sentia vontade de fugir.

– Ah, sim. Peço desculpa pela minha pressa ao partir na semana passada – disse ele. – Lembrei-me no último momento de que estava

atrasado para um compromisso na Câmara dos Lordes. Espero que sua jovem não tenha ficado assustada com minha falta de cortesia. Enfim, agradeço por me receber.

Ela sorriu ao ouvir a mentira, poupando-o do trabalho de se recriminar mentalmente.

– Claro. O senhor sabe que tenho prazer em prestar serviço a um emissário do governo de Sua Majestade.

Ela sempre usava aquele tom mordaz para falar com ele, como se estivessem em lados opostos de uma ironia tão grande que só podia ser algo divertido, e os dois sabiam disso. Isso fazia com que ele tivesse vontade de contar todos os seus segredos a ela, embora aquilo fosse uma depravação – o homem de Deus se confessando a uma prostituta.

– Estou grato por toda a sua ajuda – disse ele. – Foi muito útil na preparação do meu relatório para a Câmara dos Lordes.

– Aguardo ansiosamente para saber suas recomendações.

– Vou entregar o relatório em algumas semanas. Providenciarei uma cópia.

Sua missão como lorde-tenente era investigar o dano do vício sobre os inocentes de Londres e propor formas de combatê-lo. Ele fizera uma cuidadosa pesquisa durante dois anos, frequentando casas de má reputação e entrevistando todos, desde cortesãs dos palácios e vadias dos becos até aqueles que pagavam por seus serviços. Restava apenas examinar as evidências e decidir o que teria melhor resultado nas ruas de Londres: punições mais rigorosas ou uma reforma progressista. Independentemente da sua decisão, ele ganharia a inimizade de metade da cidade – ou dos donos dos bordéis e das meretrizes que desejavam exercer seu ofício em segurança ou dos moralistas que torciam para que todos eles desaparecessem.

A Sra. Brearley continuou a observá-lo com atenção, como se pudesse adivinhar por sua postura se o relatório de Henry faria dele um aliado ou um adversário.

– Espero que leve em consideração tudo o que conversamos – disse ela, buscando os olhos dele.

Ele desviou o olhar. Apesar de suas preces por orientação moral, ainda

não sabia o que fazer.

Tinha consciência de que os grupos da cidade o observavam em busca de pistas. Mas fazia tanto tempo que ele mergulhara na ambiguidade que suas próprias crenças – antes tão inabaláveis que ele construía sua fama ao transformá-las em palavras incendiárias – se tornaram turvas e desorganizadas. Era um homem dividido.

– As reformas que a senhora propõe certamente serão levadas em consideração – afirmou ele num tom suave.

– Isso é animador. Mas lembre-se também daquilo que conversamos na semana passada.

Henry ficou tenso. Tinha perguntado sobre os preços dela – uma pergunta padrão que ele se esquecera de fazer em visitas anteriores, dada a insistência da mulher em falar sobre preservativos, médicos, taxas de licenciamento e guildas –, e ela respondera que tudo dependeria da natureza de seus desejos.

– Não tenho desejos – respondera ele de modo brusco. (*Mentiroso, reconheceu para si mesmo assim que abriu a boca.*)

– Falei retoricamente – dissera ela, num tom não muito diferente do que ele próprio usara com os homens cujas vidas destruía nos tempos em que trabalhava no *Santos & Sátiros*, um tom que dizia *Nós dois sabemos o que você é.*

Ela prosseguira, pensativa:

– Mas se é verdade, Henry, me pergunto se é justo. Alguém poderia pensar que um homem encarregado de promover uma reforma no comércio carnal tem a responsabilidade de compreender os desejos que existem no âmago da transação. Não tem?

– É possível julgar um crime sem cometê-lo.

– E é possível ter um desejo sem satisfazê-lo – retrucara ela, fitando-o por um tempo demasiadamente longo. – Como homem de Deus, suponho que você valorize a empatia.

Ele ficara em silêncio, relutante em envolvê-la até este ponto, pois estava ali para fazer perguntas, e não revelar, não para que ela examinasse quaisquer feridas que pontilhassem a pureza de seu relacionamento com o pecado.

Sentira-se aliviado quando ela mudou de assunto e convocou uma jovem para guiá-lo numa visita às dependências.

Mas o alívio fora um equívoco. Pois se a Sra. Brearley sentira os segredos ocultos em seu âmago, Alice os fizera aflorar de forma turbulenta ao simplesmente entrar no aposento. Desde que pusera os olhos nela, com a silhueta miúda, a expressão distante e os olhos enormes, tristonhos...

Sim, ele sabia o que era desejo.

Elena pigarreou, lembrando a ele que aguardava uma resposta.

– Claro que me recordo da nossa conversa. E aprecio seu conselho.

– Então não vou me repetir. Mas insisto que pense no bem que pode fazer. No sofrimento que pode impedir.

Os dois concordavam nesse aspecto. A missão dele era um chamado de Deus, e ele sentia-se grato pela oportunidade de fazer uma obra que teria consequências morais duradouras. O fato de ter descoberto que o trabalho era uma provação – um teste à sua ética e à sua compaixão, que exigira que ele trilhasse o tentador caminho de um pecador – convencera-o de que o sacrifício valia a pena.

Evesham suspirou e abandonou o esforço de tentar parecer formal.

– Raramente penso em outra coisa nos últimos tempos. Posso lhe garantir.

Ela assentiu. Sempre parecia crer nas boas intenções dele, apesar das ameaças que ele havia lhe feito durante sua carreira anterior. Evesham admirava isso nela – a capacidade de perdoar. Não tinha certeza se seria tão caridoso caso os papéis estivessem invertidos.

– Como posso ajudá-lo hoje, Henry? – perguntou Elena.

Ele tentou assumir um ar extremamente casual, embora fosse difícil quando estava sentado numa cadeira de madeira com um encosto rígido.

– Na minha pressa de partir na última visita, pergunto-me se eu não teria colocado um livro no lugar errado. Preciso viajar para o interior para escrever meu relatório e achei que pudesse recuperá-lo antes da minha partida, caso a senhora o tenha encontrado.

– Um livro?

– Sim... Um volume encadernado, de couro, escrito à mão. Continha